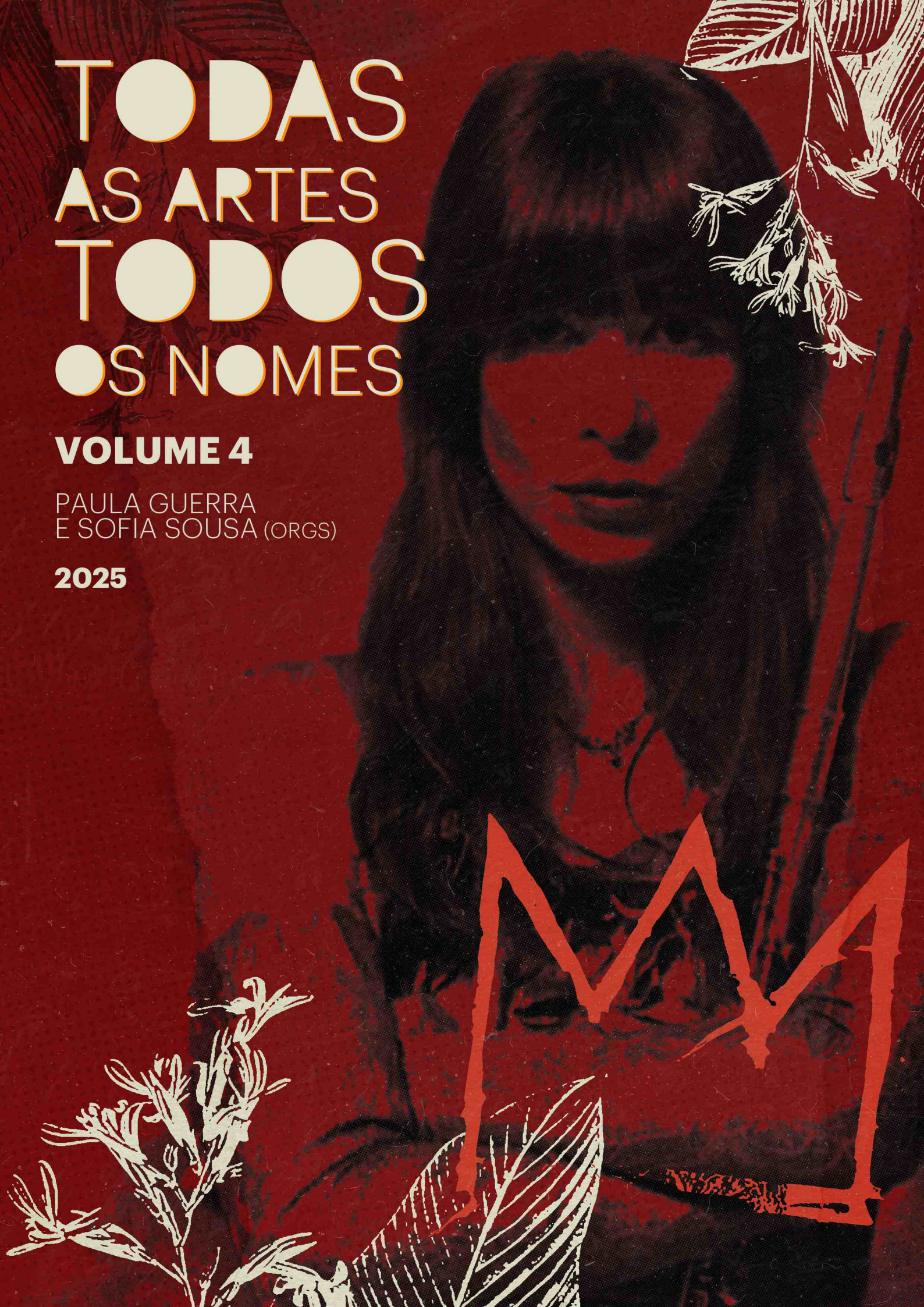


TODAS AS ARTES TODOS OS NOMES

VOLUME 4

PAULA GUERRA
E SOFIA SOUSA (ORGS)

2025





~~Todas as Artes
são os Nomes~~

CAPÍTULO 4



OS DEZ PASSOS DO TOURO

THE TEN STEPS OF THE BULL

Andrea Copeliovitch, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

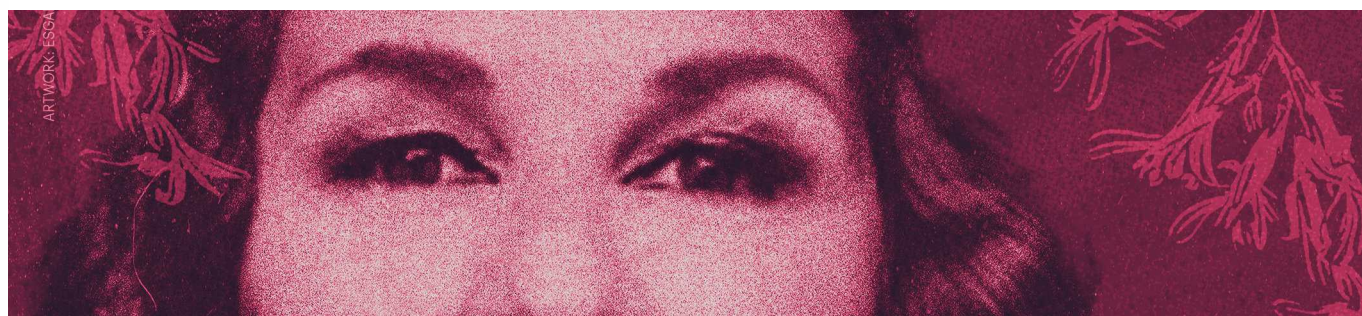
Os Dez Passos do Touro são ilustrações do século XIII desenhadas pelo mestre Zen Kakuan que mostrava de forma metafórica o caminho de um praticante budista. Nesse texto vamos comentar cada uma dessas etapas conversando com alguns textos de outro mestre Zen do mesmo período, Eihei Dogen, para refletirmos um pouco sobre a poesia de um didática que apresenta uma linguagem que fala diretamente ao coração em uma sociedade que nos ensina a confiar apenas na lógica dos pensamentos.

Palavras-chave: Zen Budismo, didática, interser, poética.

Abstract

The Ten Oxherding Pictures are illustrations from the 13th century drawn by Zen master Kakuan that showed the path of a Buddhist practitioner in a metaphorical way. In this text we will comment on each of these stages by relating to some texts by another Zen master from the same period, Eihei Dogen, to reflect a little on the poetry of a didactic that presents a language that speaks directly to the heart in a society that teaches us to trust only in the logic of thoughts.

Keywords: Zen Buddhism, didactic, interbeing, poetic.





1. Introdução

No ano de 1200 d.C., no Japão, nasceu Eihei Dogen. Dogen é o fundador da ordem budista Soto Zen. Dogen foi ordenado monge muito jovem e aos 23 anos, insatisfeito com a superficialidade da prática em sua época foi à China em busca do que poderiam ser as verdadeiras bases da prática budista. Essa superficialidade observada pelo jovem monge tem a ver com a questão formal da prática se tornar mais importante do que o que seria a essência budista. O jovem Dogen percebeu que algo havia sido abandonado no caminho. Na China conhece o mestre Tendo Nyojo e com ele aprende que o fundamental no budismo é apenas sentar-se, traduzindo em japonês: Zazen. Foi isso que Sidarta Gautama fez, seu objetivo era extinguir todo o sofrimento. Ao sentar-se sob uma frondosa figueira por sete dias e sete noites, compreendeu as chamadas Nobres Verdades: há sofrimento, sofrimento tem causa e essa causa é apego, existe um estado em que saímos da ilusão da separação (Nirvana) e existe um caminho de oito^[1] aspectos que permite com que se atinja esse estado; assim se tornou o Buda, aquele que despertou.

Pouco após retornar da China, Dongen Zenji^[2] escreve o Fukanzazengui, regras universais do Zazen^[3] (2019). Esse texto é um manual prático que ensina os praticantes zen a se sentarem em meditação, depois mestre Dogen aprofunda esse texto em um dos capítulos (Bendowa) de sua grande obra, o Shobogenzô (2007).

 ^[1] Ponto de vista correto, pensamento correto, fala correta, ação correta, meio de vida correto, esforço correto, consciência correta, concentração correta.

^[2] Mestre zen

^[3] Aqui utilizamos a tradução de Coen Roshi

No mesmo ano em que nasceu mestre Doguen, nasceu um outro grande Mestre Zen, Kakuan Shion (1200 -1300). Kakuan também vai à China para aprender o Zen (Chan, em chinês), sobre isso ele escreve:

Simplesmente
Para escapar do poder do intelecto,
das armadilhas das palavras,
Desbravei o mar em busca do conhecimento
que transborda todo dizer.
Deambulei até desfazerem-se as sandálias
E o que eu encontrei?

A água no rio, a lua no céu. (Kakuan, tradução de Teixeira, 2017, s/p)

Kakuan cria sua espécie de manual para os praticantes budistas. Ele ilustrou as etapas do percurso da prática com gravuras, que depois foram acompanhadas de poemas/comentários de seu discípulo Jion. Ele mostra em suas gravuras um rapaz que procura um touro. Inicialmente eram oito gravuras, sendo a última era um círculo perfeito que simboliza a iluminação, o fim da discriminação e a compreensão da interdependência não apenas de todos os seres, mas de tudo o que há. Posteriormente, o mestre acrescentou duas gravuras, que provavelmente indicam o reconhecimento desse estado e a volta para o mundano, o encontro com outros seres humanos e a possibilidade de ensinar, passar adiante esse conhecimento. Observamos que Mestre Kakuan opta pela didática a partir da arte: gravuras e poemas. Vamos seguir esse percurso.

2. Procurando o touro^[4]

A primeira gravura vem acompanhada do seguinte comentário: “O touro nunca se perdeu, então qual a necessidade de procurá-lo?” (Coen & Zencho, 2014, p.53). No Fukanzazengui, Regras Universais do Zazen, mestre Dogen coloca um questionamento semelhante:

Agora, quando procuramos a fonte do Caminho, descobrimos que é universal e absoluta. Torna-se desnecessário distinguir entre prática e iluminação. O ensinamento supremo é livre, então por que deveríamos estudar os meios de atingi-lo? Sem dúvida, o Caminho está bem longe da delusão. Porque, então, preocupar-se com os meios de eliminá-la? O Caminho está completamente presente onde você está, então qual a necessidade de prática e de iluminação. (Dogen, 2019, s/p)

Nascemos em um mundo de dualidade, nosso aprendizado se baseia na compreensão do certo e do errado, bem e mal, claro e escuro. No budismo utiliza-se o termo mente discriminatória. A mente discriminatória separa as coisas para compreender, e cria uma ilusão de separação, e foi essa a realização de Sidarta Gautama: tudo o que há é

 ^[4] Todos os subtítulos são os títulos originais das gravuras de Kakua.

interdependente, e cada uma, cada um de nós existe nessa infinita rede de interdependência. Milénios depois, a física quântica vai nos dar a mesma visão de mundo. O monge vietnamita Thich Nhat Hann criou o neologismo interser. Intersomos com tudo o que há.

Mas ao mesmo tempo que intersomos, nossa ação se dá no mundo da dualidade, e precisamos da mente discriminatória para operar no quotidiano dual. No budismo tem-se a ideia de relativo e absoluto. A compreensão de uma totalidade em movimento, sem as fronteiras ilusórias da separação, a iluminação é o Absoluto, e o mundo quotidiano faz parte do relativo.

É a mente discriminatória que permite compreender e optar por uma vida ética, no budismo, praticantes fazem votos de: “não fazer o mal, fazer o bem e fazer o bem a todos os seres”. Mas no budismo o objetivo vai além de uma vida ética, a ideia é o fim do sofrimento, para isso ‘é necessário alcançar a “sabedoria perfeita,” como nos diz Dogen Zenji:

Contudo, se houver a menor diferença entre você e o Caminho, o resultado será uma separação maior ainda que aquela entre o céu e a Terra. Se surgir o menor pensamento dualista, você perderá sua mente-Buda. (Dogen, 2019, s/p)

Como não ter pensamentos dualistas e viver no mundo dual? Se Hamlet, o confuso, se questiona sobre ser ou não ser, Fernando Pessoa, o poeta, afirma no poema a Hora Aburda: “Seremos, e não seremos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...” (Pessoa, 1986, pg. 21).

Estamos aprisionados pelas nossas noções de ser ou não ser, por sua excludência, se excluimos, hierarquizamos, privilegiamos nossos próprios pensamentos e bem-estar no mundo mesmo que em detrimento do bem estar do outro, e aqui é importante entender que o outro não se refere apenas ao outro ser humano. Para seguir os preceitos na intenção correta, no sentido do ensinamento de Buda do Nobre Caminho Óctuplo, precisamos interser, compreender como ser parte da totalidade do universo, se fundir com ele num infinito vazio, esse é o ensinamento do Absoluto. Para seguir os preceitos precisamos botar em prática a ação correta, no sentido do ensinamento de Buda do Nobre Caminho Óctuplo, agir sem ganância, sem raiva e sem ignorância (os três venenos causadores de grande sofrimento), essa ação se dá no Aqui e Agora e depende de uma decisão individual, e esse é o ensinamento do Absoluto. No Zen, com o tempo aprendemos a integrar as noções de Absoluto e Relativo.



3. Encontrando os rastros

O praticante inicia sua busca, muitas vezes de forma intelectual, outras vezes, apenas sentando em zazen^[5]. Nesse início ele percebe os rastros de algo maior, ainda sem compreender. São as pegadas do touro.

Viu pegadas sem número
Na floresta e à margem das águas.
Em que distâncias vê ele a relva pisada?
Mesmo as gargantas mais profundas das mais altas montanhas
Não podem esconder o focinho desse boi que toca diretamente o
céu. (Kakuan, 1978, p. 314)

O focinho do touro, esse animal terrestre, toca o céu. Céu e terra *intersão*. O praticante aprende a ver à distância, amplia sua capacidade de visão. O Caminho começa a se apresentar. Siga as pegadas de quem veio antes. É nesse momento que começa a estudar o budismo e observar a tradição e os ensinamentos.

4. Primeiro vislumbre do boi

O poema que acompanha a terceira gravura nos diz:
Um rouxinol gorjeia num ramo,

O som brilha nos salgueiros ondulantes.
Ali está o boi, onde poderia esconder-se?
Essa esplêndida cabeça, esses cornos majestosos,
Que artista poderia retratá-lo? (Kakuan, 1978, p. 317)

Ampliamos a nossa percepção através do zazen, temos a primeira experiência de Samadhi, essa compreensão cósmica da interdependência, o mundo se torna mais claro, mais colorido, mais presente. Essa percepção aguçada é o primeiro vislumbre do touro. Dizer que o som brilha é perceber o mundo além da divisão dos sentidos, é vislumbrar a unidade.

5. Agarrando o touro

O estado de Samadhi, como tudo, é impermanente, como alcançar novamente? A prática torna-se intensa, gera um movimento poderoso, mas ainda há a noção de uma finalidade (agarrar o touro), ainda estamos na dualidade, na busca do que serve em detrimento do que não serve. Nesse momento o praticante pode se tornar ora preguiçoso, ora prepotente. Mestre Kakuan (1978, p.318) sugere “agarrar o laço com firmeza.” Disciplina é um elemento fundamental na prática Zen. Nesse momento é importante persistir na prática sem a intenção de alcançar qualquer tipo de estado mental. Apenas sentar-se. Talvez, nesse momento, muitos praticantes abandonem o Zen pois o aprendizado da não intenção é muito contraditório com o que nos é ensinado em nossas sociedades contemporâneas: a ter sempre um objetivo, que normalmente vem acompanhado de uma expectativa. Na prática Zen, buscamos nos desapegar tanto da expectativa quanto do objetivo.

 ^[5] Zazen é a prática de sentar-se em silêncio de frente para a parede, o olhar baixo, as costas retas.

6. Domando o touro

Para aqueles que decidirem persistir, a prática torna-se consistente. Sentar-se em Zazen já faz parte do cotidiano. Agora conseguimos observar a dualidade e os pensamentos dualistas, conseguimos compreender observar a mente, sem cair nas armadilhas do monólogo incessante.

No Fukanzazengi, Mestre Dogen fala sobre como devemos nos sentar em zazen: “Assim, tendo cessado a agitação da mente, abandonamos até mesmo a ideia de nos tornar Buda.”

Na quinta figura de kakuan, o praticante consegue montar no touro, já não precisa do esforço de tentar domá-lo, agora ambos estão em equilíbrio.

Mais adiante no Fukanzazengi, Mestre Dogen diz:

Finalmente, tendo regulado o corpo e a mente, fazemos uma respiração profunda, movendo nosso corpo para a esquerda e para a direita, e então, devemos ficar imóveis, sentados tão firmes quanto uma rocha. Existe o pensar, existe o não pensar e existe o inconcebível. Esta é a verdadeira base do zazen. (Dogen, 2019, s/p)

Regular o corpo e a mente, é montar no touro e tocar a flauta, na fluidez da melodia, a música mostra-nos essa possibilidade de linguagem além da lógica cotidiana, vamos em direção ao que há além do pensar e não pensar: ação, som, harmonia, melodia e pausa, interser, equilíbrio em movimento, voltar para casa, ser quem já realmente somos. O touro nunca se perdeu, mas que alegria encontrá-lo e levá-lo de volta à casa.

No capítulo do Shobogenzo Sobre a Grande Sabedoria Que Está Além do Pensamento Discriminatório (On the Great Wisdom That Is Beyond Discriminatory Thought), Dogen Zenji Sama cita um poema de seu mestre, Tendo Niojo, a quem ele chama carinhosamente, o velho Buda:

Meu antigo Mestre, o velho Buda, uma vez disse em verso:
Todo meu ser é como a boca de um sino suspenso no espaço vazio
Ele não pergunta se o vento sopra no leste ou oeste, sul ou norte.
Imparcial a tudo, ele soa a Sabedoria para o benefício de outros:
“Bong bong bong,” diz o sino de vento, “bong bong bong.” (Dogen, 2007, p. 28, tradução nossa)^[6]

 ^[6] My former Master, a Buddha of old, once said in verse:
My whole being is like the mouth of a bell suspended in empty space:
It does not ask whether the wind blows east or west, north or south.
Impartial to all, it sounds the Wisdom for the sake of others:
“Bong bong bong,” says the wind bell, “bong bong bong.” (Dogen, 2007, p. 28)

Nesse momento conseguimos trazer a nossa presença para o aqui e agora, quando a mente divaga, imediatamente percebemos, observamos, respiramos e voltamos para onde sempre estivemos.

7. O confronto terminou

Esta gravura mostra o rapaz montando no touro tocando a flauta

Cavalgando o seu touro, folgadoamente se dirige para casa.
Envolvido pela névoa da noite, quão afinada é a sua flauta que é desaparece no ar.
Entoando uma pequena canção, marcando o tempo, seu coração está repleto de uma alegria indescritível.
Que agora ele é um dos que sabem, precisa ser dito? (Coen & Zenchô, 2015, p.27)

Em 1990, quando eu era uma jovem atriz, minha Clown, Friula Assumpção, ganhou seu emprego no circo tocando sua flauta. Todo o resto lhe havia sido negado porque nada daquilo lhe pertencia. Ela deixou cair as máscaras, deixou cair corpo e mente. Para ser aceita no circo, a clown precisa mostrar sua face mais pura, mais ingênua, abandonar as armaduras quotidianas do ego, eu não conseguiria falar pois estava segurando o choro, era muito doloroso me ver assim exposta, despida... naquele momento, toquei minha flauta... o silêncio se fez presente, montei no meu touro e voltei para casa, só anos depois, pude compreender a alegria. Coen Roshi minha mestra Zen me ensinou muito sobre essa alegria. Em 2014, Coen Roshi me convidou para fazer uma coreografia sobre os Dez Passos do Touro para o lançamento do livro *O Monge e o Touro* (Coen & Zenchô, 2015), no Rio de Janeiro. Fui pesquisar esse ensinamento de Kakuan e naquela época muita coisa não fazia sentido intelectual. Mesmo sem compreender as gravuras, os poemas e os passos do caminho, que eu ainda estava começando a percorrer, eu silencieei e dancei. No começo, era só uma imagem, um grande kimono vermelho, mangas gigantes que ocultavam duas espadas. O touro e o toureiro. Imagens de samurais vistos em animes e mangás japoneses coloriam minha imaginação. As espadas do guerreiro, *Andros*, extensões de mim mesma. Dez anos depois, ela me convidou a realizar o Combate do Dharma, quando uma praticante é testada pela comunidade a respeito de seu conhecimento do budismo e profundidade na prática. Para essa cerimônia deve ser escolhido um caso, e minha mestra escolheu para mim Os Dez Passos do Touro.

Voltar à casa é voltar para si mesmo. A prática do Zazen nos ensina a apreciar a vida com seus altos e baixos (impermanência), quando observamos a mente, podemos nos desapegar dos pensamentos discriminatórios que causam sofrimento; se você passa por uma situação de dor, o pensamento reafirma essa dor de forma repetitiva fazendo com que ela fique muitas e muitas vezes mais intensa ou que se repita muitas vezes.

8. O touro foi esquecido, o ser humano só

Segundo Mestre Kakuan (1978, p.320), no poema que acompanha sétima gravura, “o touro já não é”, o praticante “deixa de lado o laço e o chicote”. Um estado mais sutil da existência foi alcançado, tornou-se um ser humano mais pleno, mais presente, aprendeu a estar no aqui e agora com contentamento, não vê a prática como um meio para atingir um fim, sua vida começa a ser sua prática e sua prática é a sua vida.

Conhece a si mesmo, mas como disse Dogen Zenji no Guenjo Koan (2007, p.32): “Conhecer a si mesmo é esquecer-se de si mesmo.”

Nesse momento da prática, o touro desapareceu, o próximo passo é o que Dogen Zenji fala no Bendowa (2007, p. 5): “deixar cair corpo e mente.”

No estágio mostrado na gravura 7, o praticante tem mais contentamento, sua mente é tranquila, sem apegos.

9. O touro e o ser humano desaparecem

O oitavo desenho é o círculo vazio. Deixando “cair corpo e mente”, alcançou o estado de nirvana, na completude torna-se um com tudo o que é, toda a dualidade é transcendida, a própria respiração, a dor, o apego, o orgulho. As paixões esfriam como as cinzas do fogão no dia seguinte: Nirvana.

“Chega finalmente a compreensão
Do espírito dos antigos ancestrais”. (Kakuan, 1978, p.321)

Esse é o momento da iluminação, é perceber a interdependência de tudo o que há, aquilo que Sidarta Gautama compreendeu no momento em se tornou Buda (o Iluminado), deixou de ser Sidarta Gautama para *interser* com tudo o que há.

10. Retornar à origem. De volta à fonte

O poema da nona gravura de mestre Kakuan (1978, p.322) diz:

Ele voltou à origem, retornou à fonte,
Mas foi em vão que tomou suas providências,
É como se estivesse agora cego e surdo
Sentado em sua cabana, não almeja as coisas que estão fora.
Os riachos serpenteiam por si mesmos,
As flores vermelhas desabrocham, naturalmente vermelhas.

O praticante não mais almeja as coisas de fora, está sem “intenção de intenção”. O ruído do mundo, dos pensamentos incessantes, a constante insatisfação, apego e aversão, nada disso o afeta, está completo, como sempre esteve, percebe o mundo em sua completude, beleza e impermanência, compreende a interdependência como transformação conjunta na impermanência. Está em plenitude, a “casa do tesouro” se abriu e já não há mais anseios.

Mestre Dogen termina o Fukanzazengi exortando os praticantes:

Sinceros praticantes Zen, não se espantem com o Verdadeiro Dragão, nem gastem muito tempo inutilmente apalpando apenas uma pequena parte do elefante. Dediquem seus esforços ao caminho que leva diretamente à natureza-Buda. Respeitem aqueles que alcançaram o conhecimento completo, que estão sem intenção de intenção.

Tornem-se um com a sabedoria dos Budas e assim, sucessores legítimos da iluminação dos Ancestrais. Praticando desta maneira, certamente serão capazes de compreender tudo isto. Então, a casa do tesouro naturalmente se abrirá e vocês poderão se servir à vontade. (Dogen, 2019, s/p)

Aqui o praticante já percebe as leis da causalidade no mundo, compreende que todas as suas ações têm um efeito pois tudo está interligado. Ele compreende de verdade o que é ser nesse mundo, como todas as as forças interagem em constante movimento, transformação.

11. Entrando na praça do mercado com mãos serviçais

Com o peito descoberto e descalço, ele entra na praça do mercado.

Enlameado e empoeirado, como sorri mostrando os dentes!

Sem recorrer a místicos poderes,

faz árvores secas florescerem de repente. (Kakuan, 1978 p.323)

Quando Buda atinge a iluminação, contam algumas lendas, que Vishnu, grande deidade hinduísta que sustenta o universo foi falar com ele, pedindo que ele ensinasse como atingir o estado de Nirvana. Buda passou então a ser um professor, e esteve sempre acompanhado de seus muitos alunos. Os ensinamentos eram passados oralmente e algumas bases numéricas serviram para facilitar a compreensão e manutenção dos ensinamentos (as Quatro Nobres Verdades, o Nobre Caminho Óctuplo, os Três Tesouros, e assim por diante. Os ensinamentos de Buda sò foram escritos 100 anos após a sua passagem pela Terra. Buda começou a pregar para alguns poucos antigos companheiros de práticas acéticas, e ao final da vida, tinha tantos seguidores que, contam os mestres, nunca mais teve um momento de solidude.

Tendo alcançado a sabedoria, o praticante vai à cidade, ensinar.

Esse praticante aprendeu a aprender com e a reconhecer a totalidade de tudo o que há. Ele agora volta ao mundo cotidiano com a sabedoria adquirida e se torna um professor, sem discriminação, ensina àqueles que talvez não tivessem fácil acesso a esses ensinamentos; provavelmente por isso na controversa última ilustração de Kakuan, o praticante aparece no mercado carregando uma cabaça de vinho. O sagrado e o profano se misturam, o mundano e o monástico, o relativo e o absoluto. Ir além da dualidade é ir além de todos os preconceitos, talvez Kakuan zenji estivesse falando diretamente aos preconceitos da classe monástica de seu tempo, talvez estivesse falando de ir além da mente lógica, talvez estivesse mostrando a alegria...

Referências Bibliográficas

- Copeliovitch, A. (2020). Dançar o zen: Aprendizado e poéticas de um processo. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 3(3), 85–99.
- Coen, M., & Figueredo, L. (2015). *O monge e o touro: Jûgyûzu: Os dez desenhos de domar o touro: Mestre Kakuan Shion Zenji*. Companhia Editora Nacional.
- Coen, R. (2018). *Sutra do Coração da Grande Sabedoria Completa* [Tradução]. <https://www.zendobrasil.org.br/sermon/sutra-do-coracao-da-grande-sabedoria-completa/>
- Coen, R. (2019). *Buda* [Sermão]. <https://www.zendobrasil.org.br/sermon/buda-monja-coen/>
- Coen, R. (2022). *Da negação ao despertar: Ensinaamentos da Monja Coen*. Papirus 7 Mares.
- Dôgen, E. (2007). *Shôbôgenzô*. <https://www.shastaabbey.org/pdf/shoboAll.pdf>
- Dôgen, E. (2019). *Fukanzazengi: Regras universais do Zazen*. <https://www.monjacoen.com.br/textos/textos-tradicionais/152-fukanzazengi-regras-universais-dozazen>
- Hanh, T. N. (2019). *A essência dos ensinamentos de Buda: Transformando o sofrimento em paz, alegria e libertação*. Vozes.
- Kakuan, S. (2017). *Simplesmente*. <https://ihu.unisinos.br/categorias/43-oracoes-inter-religiosas-ilustradas/571243-kakuan-na-oracao-inter-religiosa-desta-semana>
- Kakuan, S. (1978). As dez figuras de apascentar o boi, com comentário e versos. In P. Kapleau (Ed.). *Os três pilares do Zen* (pp. 313–323). Itatiaia.
- Mumon, Y. (2004). *The ten oxherding pictures*. University of Hawai'i Press.
- Okumura, R. (2018). *Gautama's eyes*. https://dogeninstitute.wordpress.com/2018/12/16/gautamas-eyes/#_ftn
- Pessoa, F. (1986). *Obras completas*. Publicações Europa-América.

Andrea Copeliovitch, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: copeliovitch@gmail.com





